

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

FABIOLA CORREA/JC



Entre a gratuidade e os desafios da transição digital, espaço de difusão cinematográfica se posiciona como um território de democratização da cultura

AUDIOVISUAL

Sala Redenção: quase 40 anos de cinema gratuito

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Próxima de completar quatro décadas de história, a Sala Redenção (Eng. Luiz Englert, 333) consolidou-se como um dos mais longevos territórios de resistência cultural de Porto Alegre. O cinema da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) celebrou seus 39 anos de atividades em abril, operando como um elo fundamental entre o conhecimento acadêmico, a comunidade e a democratização da arte. Em uma realidade na qual ir aos cinemas de shopping é, para muitos, um luxo inacessível, o espaço garante a gratuidade para toda a população da Capital e Região Metropolitana.

A trajetória da Sala Redenção acompanha as evoluções tecnológicas do audiovisual. Inaugurado em 1987, o espaço realizava exhibições em rolos de película 35mm. Essa mecânica ini-

cial impunha desafios logísticos e impossibilitava uma programação diária. Naquele período, a programação acontecia em períodos específicos do ano, integrando ações do Departamento de Difusão Cultural (DDC) da Universidade, como o Projeto Unifilme.

Com o avanço da indústria, o cenário se transformou. A partir dos anos 2000, com a introdução do VHS, seguido pelo DVD, Blu-ray e, finalmente, pelos arquivos digitais como o H264 (Mp4), a logística de transporte deixou de ser um entrave, permitindo consolidar sessões diárias de segunda a sexta-feira, às 16h e às 19h. Responsável pela coordenação técnica da sala e dos equipamentos, Edgar Heldwein ingressou na instituição em 2010, como gestor e projetorista, e foi implementando melhorias. Em 2018, a fachada ganhou o tom azul-noite para destacar a célebre “lua de Méliès”, e o saguão recebeu um painel de 78 telas pintadas por alu-

nos das artes, coordenados por Marilice Corona, do Studio P.

Apesar das conquistas, os desafios técnicos persistem. Atualmente, a Sala Redenção enfrenta uma defasagem de equipamentos por não possuir o sistema DCP (Digital Cinema Package) - formato digital criptografado exigido pela indústria cinematográfica contemporânea. A coordenadora de programação da Sala Redenção, Ângela Francisca Almeida de Oliveira, projeta para 2027 a busca por emendas parlamentares que permitam adquirir o equipamento.

O perfil de programação também passou por uma transição. Até 2019, o espaço era basicamente uma sala de cinema de repertório (foco em clássicos, *cults*, mostras temáticas e ciclos de diretores consagrados). Atualmente, embora mantenha essa bagagem, a Sala Redenção expandiu suas diretrizes para atuar como uma janela de escoamento da produção interna da



Coordenadores da Sala Redenção, Edgar Heldwein e Ângela Francisca

FABIOLA CORREA/JC

Ufrgs e como polo de difusão para festivais e realizadores locais.

Além disso, o espaço mantém parcerias para a realização de atividades como o Cineclube Vestígio e o ciclo dedicado a pesquisas de gênero, violência e sexualidades, promovido pelo núcleo de cinema da Faculdade de Direito. Segundo Ângela, a expectativa é que esse ecossistema se fortaleça ainda mais com a iminente abertura do curso de graduação em Cinema na Fábico, aprovado pelo Conselho Universitário (Consun) após um pleito histórico defendido desde 1997.

Ângela destaca, ainda, que esta visão de cinema como campo de conhecimento reflete-se na curadoria, que busca dar voz a múltiplos recortes sociais e identitários ao longo de todo o ano, como o Novembro Negro, a Mostra Indígena e a Mostra de Cinema Africano. Para garantir a gratuidade e a sustenta-

bilidade das mostras sem depender de bilheteria, a Sala Redenção apoia-se em parcerias com embaixadas, consulados e instituições parceiras como a Aliança Francesa, o Escritório Consular do Japão, o Goethe-Institut e o Sesc-RS, além de distribuidoras independentes e serviços alternativos de streaming.

No decorrer dos anos, o perfil de frequentadores do espaço cultural se diversificou. O local atrai cinéfilos, jovens interessados em propostas contemporâneas e uma parcela extremamente fiel de idosos e aposentados, além de público infantojuvenil. “Temos feito muitas sessões para escolas”, destaca a coordenadora. Há também um esforço para superar as barreiras de acessibilidade com Libras e audiodescrição. “Já fizemos algumas sessões no ano passado, e temos como meta ampliar, mas alcançar esses parceiros é um desafio.”